

**A INVENÇÃO DE UMA DEVOÇÃO: NOSSA SENHORA DA
CONCEIÇÃO E O MORRO DO ARRAYAL NA CIDADE DO RECIFE
(1904)**

**THE INVENTION OF DEVOTION: OUR LADY OF THE CONCEPTION
AND MORRO DE ARRAYAL IN THE CITY OF RECIFE (1904)**

Carlos André Silva de MOURA*
José Pedro Lopes NETO**

Resumo: O artigo analisou a construção de uma devoção na cidade do Recife, especialmente, a partir das comemorações dos cinquenta anos do dogma da Imaculada Conceição. Em um instante de secularização do Estado e consolidação da legislação republicana, intelectuais, religiosos e fiéis trabalharam em um projeto de reafirmação do catolicismo, organização de uma neocristandade e o fortalecimento do processo de recatolização. A partir das propostas da História Cultural das Religiões, com análise dos documentos eclesiásticos e periódicos que circularam na capital pernambucana em 1904, discutimos como a devoção a Nossa Senhora da Conceição fez parte de uma rede de atuação política, cultural e social para fortalecimento dos projetos da Cúria Romana.

Palavras-chave: Devoção Mariana; Cidade do Recife; Morro da Conceição; História Cultural das Religiões.

Abstract: The paper analyzed the construction of devotion in the city of Recife, especially from the dogma of Immaculate Conception's fifty years celebrations. In the moment of state secularization and consolidation of the Republican legislation, religious intellectuals and the congregation worked in a project to reaffirm Catholicism, the organization of a neo-Christianity, and the strengthening of the process of re-catholicization. From the Cultural History of Religions proposals, with the analysis of ecclesiastical documents and periodicals that circulated in the capital of Pernambuco in 1904, we discussed how the devotion to Our lady of the Conception took part of the action of a political, cultural and social network for the strengthening of the Roman Curia's projects.

Keywords: Marian Devotion; City of Recife; Morro da Conceição; Cultural History of Religions.

* Professor da Graduação e Pós-graduação em História da Universidade de Pernambuco (UPE - Campus Mata Norte). Docente permanente do Mestrado em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas (PROCADI - UPE) e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Pós-doutor em História na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: carlos.andre@upe.br

** Mestrando em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Graduado em História na Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: pedroloopes@gmail.com.

Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas.
(Apocalipse de João, cap. 12, v. 1.)

Na capital pernambucana, o dia 08 de dezembro é aguardado por católicos de todo o Estado para as peregrinações ao Morro da Conceição, localizado na Zona Norte do município. Mesmo não sendo a padroeira oficial do Recife¹, a santa conta com grande número de devotos que anualmente se destinam à localidade para participar de uma longa festividade direcionada a fieis de diversas dioceses. Os nove dias de comemorações atraem anualmente mais de 1 milhão de seguidores de todas as idades e religiões². Essa tradição iniciou em 1904, quando o bispo da então Diocese de Olinda³, Dom Luiz Raymundo da Silva Britto (1840 – 1915), autorizou a construção de um monumento à Imaculada Conceição de Maria no alto do Morro do Arrayal⁴, também conhecido como da Boa Vista.

As festas marianas são antigas no calendário dos recifenses, assim como os templos dedicados a essa devoção, e foram construídas sob as diversas invocações dadas à Maria. No início do século XX, a Diocese de Olinda contava com vários espaços dedicados a Nossa Senhora da Conceição, alguns dos quais foram elevados a sedes diocesanas, como as de Nazareth e Palmares.⁵ Na capital do Estado, sob invocação da mesma padroeira, existiam as igrejas nos bairros de Beberibe, Iputinga, além de Nossa Senhora da Conceição dos Militares na região central da cidade, todas essas ainda em funcionamento, exceto a última, que passa por obras de restauro desde junho de 2017⁶.

A festa do Morro é atualmente a maior manifestação religiosa de Pernambuco e uma das maiores do Nordeste. Ainda assim, não foram produzidos estudos que se debruçassem sobre o desenvolvimento da devoção e principalmente sobre os motivos que levaram a sua invenção⁷. Neste artigo, analisamos quais fatores políticos e sociais estimularam parte dos membros da Diocese de Olinda nessa empreitada, historicizando os acontecimentos, com uma discussão que transpassa a questão religiosa sobre o evento.

No entanto, consideramos que as interpretações eclesiais também são importantes, uma vez que permitem analisar o que era pensado pelos religiosos no momento histórico investigado. Dessa maneira, dois documentos pontifícios foram fundamentais para o estudo da devoção em questão: a Bula *Ineffabilis Deus*, publicada por Pio IX (1792 – 1878) em 1854 e a Encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum*, publicada em 1904 por Pio X (1835 – 1914). Sendo

assim, discutiremos a recepção e influência dos documentos na Diocese de Olinda, a construção do espaço devocional e a erigição do monumento mariano no alto do Morro do Arrayal.

Ainda que a Diocese contasse com vários templos dedicados à santa, optou-se por criar um monumento e, dessa maneira, uma nova prática religiosa na circunscrição eclesiástica. Desse modo, analisamos quais fatores políticos e sociais influenciaram a Diocese de Olinda a idealizar um novo espaço devocional. Guiamos o nosso trabalho através de uma abordagem da História Cultural das Religiões, pois nos permitiu pensar o catolicismo no plural: uma vez que, embora mantenha uma mesma estrutura hierárquica e ritos de culto, existem vários catolicismos que se organizam em torno de uma instituição.

Deve-se destacar que as análises estão inseridas no momento de reestruturação do catolicismo em diversos espaços do Ocidente. No Brasil, após o processo de secularização do Estado, líderes da Igreja Católica buscaram estruturar o projeto de recatolização, com o objetivo de manter o poder eclesiástico na estrutura política, mesmo em um país laico, além da formação de uma neocristandade comprometida com os valores de Roma.

Foi a partir deste contexto histórico e social que a construção de uma forma devoção ganhou força na cidade do Recife, com a colaboração de instituições e representantes da Igreja Católica. A organização e desenvolvimento do projeto foram fundamentais para as ações do clero, especialmente, para o fortalecimento das atividades eclesiásticas junto aos fiéis.

Os caminhos do dogma

No Catolicismo, as devoções costumam partir do laicato, sendo de responsabilidade da cúpula eclesiástica o papel de referendá-las, e caso haja a aceitação, cabe-lhes também o regulamento, inserindo o novo santo nos livros da Igreja, definindo o dia da devoção, formas de manifestações, dentre outras questões. O culto a Nossa Senhora da Conceição é antigo, constituído em período anterior ao dogma que o define. Embora caiba apenas ao Papa o papel de proclamar um dogma, que para a Igreja Católica é uma verdade de fé incontestável, foram os fiéis que primeiro declararam que Maria tinha sido concebida sem pecado e assim permanecera durante toda a sua vida.

Antes que a Igreja se posicionasse de forma conclusiva quanto a essa questão, os fiéis já prestavam o culto de modo não oficial. Sendo assim, em 08 de dezembro de 1854 o Papa Pio IX publicou a Bula *Ineffabilis Deus*, com a proclamação do dogma da Imaculada Conceição entre os católicos. No documento, o Papa salientou que o culto a Imaculada Conceição é tradicional na fé e que foi impulsionado por aqueles que o precederam no papado. Para o religioso:

[...] a Imaculada Conceição da Virgem é e deve ser, com toda razão, considerada em tudo conforme ao culto da Igreja; é antiga e quase universal; é tal, que a Igreja Romana começou a favorecê-la e a defendê-la; e é de todo digna de ter um lugar na própria Liturgia Sagrada e nas orações mais solenes. (PIO IX, 2016, p. 14)8

Uma parte que nos chamou atenção nesse documento é o relato de pedidos de fiéis e religiosos para a definição do dogma. O pontífice diz que “por isto, desde os tempos mais antigos, Bispos, eclesiásticos, ordens regulares, e mesmo imperadores e reis apresentaram vivas instâncias a esta Sé Apostólica a fim que de que fosse definida como dogma [...] a Imaculada Conceição [...]” (PIO IX, 2016, p. 24). Dessa maneira, percebemos parte do trabalho de religiosos e leigos para a construção da devoção junto à Igreja. Assim, o líder do clero destacou que a Igreja aceitava a vontade do povo e, daquele momento em diante, o culto obrigatoriamente deveria ser difundido em todos os lugares.

É necessário destacar que no momento em que a *Ineffabilis Deus* é divulgada pelo papado, iniciava-se, na Europa, um processo de secularização em diversos países, o que colocou a Igreja numa situação delicada. As mudanças sociais, culturais e políticas que aconteciam dificultavam o poder, a posição e o *status* da Igreja. Nos séculos XIX e XX, sempre que o *status quo* da igreja romana era ameaçado, a figura de Maria era utilizada na tentativa de manter a ordem das coisas, seja por meio de aparições ou por meio de um novo dogma (Cf. MOURA, 2018).

Ao fim da Bula *Ineffabilis Deus*, na parte em que proclamou o dogma, o líder católico diz que “[...] [a Imaculada Conceição de Maria] foi revelada por Deus e que, por isso, deve ser admitida com fé firme e constante por todos os fiéis” (PIO IX, 2016, p. 27.). Dessa forma, a devoção foi oficializada e incluída no calendário da Igreja, destacando-se a necessidade que se leve ao conhecimento da Igreja universal a proclamação do novo dogma, demonstrando assim, uma iniciativa para aumentar a crença.

É a partir da seguinte perspectiva que compreendemos o conceito de crença neste trabalho, “não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira.” (CERTEAU 2003, p. 278 *apud* BENATTE, 2014, p. 66). Contudo, é necessário compreendermos que um dogma para a Igreja Católica é uma verdade de fé incontestável; aquele que for de encontro ao que foi proclamado em algum dogma católico, seja um religioso ou um fiel, pode ser até mesmo excomungado. A *Ineffabilis Deus* ilustra bem a definição desta questão. Após definir o dogma, Pio IX declara,

Portanto, se alguém (que Deus não permita!) deliberadamente entende e pensa diferente do que foi por nós definido, conheça e saiba que está condenado pelo seu próprio juízo, que naufragou na fé, que se separou da unidade da Igreja, e que, além disso, incorreu por si, *ipso facto*, nas penas estabelecidas pelas leis contra aquele que ousa manifestar oralmente ou por escrito, ou de qualquer outro modo externo, os erros do seu coração. (PIO IX, 2016, p. 27)

Portanto, precisamos visualizar a construção da crença, as propostas dos seus “inventores”, devotos e todos que contribuíram para a propagação de um novo culto em um período de modificações na Igreja Católica, observando sempre o caráter sobrenatural que é dado ao dogma pela Igreja.

No ano de 1858, numa gruta na cidade francesa de Lourdes, uma mulher apareceu para a jovem Bernadette Soubirous (1844 – 1879) e lhe disse “Que soy era immaculada councepciou” [Eu sou a Imaculada Conceição]. As aparições marianas em Lourdes podem ser consideradas o fim do caminho que o dogma da Imaculada Conceição percorreu rumo à aceitação e ampla divulgação, pois ao dizer a Bernadette Soubirous que era a Imaculada Conceição, a personagem central do processo de construção da devoção teria atestado aquilo que havia sido afirmado pelo Pontífice. Mesmo com o caráter indiscutível que tinha o dogma da Imaculada Conceição, do qual também compartilham os demais dogmas católicos, a reafirmação do que supostamente fora posto pela própria santa era algo que o tornava ainda mais relevante. Além disso, ressaltava a importância e autoridade da figura do Papa, que também estava ameaçada pelo surgimento de movimentos que buscavam a criação de igrejas nacionais, negando a autoridade do papado como centralizadora do catolicismo romano.

Nessa perspectiva, sobre as manifestações em Lourdes, Pio XII (1876 – 1958) destacou na Encíclica *Le Pèlerinage de Lourdes* (1957) que “O que Roma, pelo seu magistério infalível, o sumo pontífice definia, a Virgem Imaculada Mãe de Deus, a bendita entre as mulheres, quis, ao que parece, confirma-lo por sua boca [...]” (PIO XI apud PIO XII, 1957). Carlos Alberto Steil afirma que cada nova aparição mariana “surge como uma possibilidade de atualizar os significados que a tradição católica associa a Maria, e de reinventar outros.” (STEIL, 2003, p. 23). Os eventos de Lourdes foram usados para reafirmar e consolidar o que fora dito, tanto por Pio IX quanto por seus precursores. Vale destacar que, além das aparições confirmarem a definição dogmática, no Concílio Vaticano I (1869 – 1870), realizado sob o papado de Pio IX, foi definido o dogma da infalibilidade papal. Diz a Constituição Dogmática *Aeternus Pastor*

que o Papa, quando exercendo o ofício de pastor e doutor dos cristãos, define uma doutrina de fé ou moral, goza de infalibilidade (PIO IX, 1870).

Passados quase 50 anos do reconhecimento oficial da Igreja de que Maria teria sido concebida sem pecado, o Papa Leão XIII (1810 – 1903) criou, em maio de 1903, uma comissão de cardeais encarregada de divulgar o jubileu que iria ser realizado no ano seguinte. Embora o líder eclesiástico tenha falecido em julho do mesmo ano, Pio X optou por manter a comissão e suas atribuições. Com a publicação da Encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum*, em 02 de fevereiro de 1904, o Papa convocou os católicos para comemorarem o que ele chamou de “dia da alegria incomparável” (PIO X, 1904. Tradução livre), constituído no 08 de dezembro, data na qual Pio IX havia definido que Maria foi preservada desde sua concepção do pecado original. O eclesiástico também defendeu que os seus antecessores, Pio IX e Leão XIII, governaram a Igreja em tempos conturbados e ressaltou que não houve defeito na definição dogmática feita por Pio IX, uma vez que após o feito iniciaram as já citadas aparições marianas na cidade de Lourdes.

Abaixo da representação de Jesus Cristo, Maria é o símbolo mais importante para o catolicismo romano. Para Leandro Karnal e Luiz Estevam Fernandes, “[...] Maria é o feminino de Deus” (KARNAL; FERNANDES, 2017, p. 84). Os autores também apontam que Maria foi o único ser humano que recebeu dogmas, quatro ao todo – em 1904 já haviam sido declarados três que afirmavam que ela é Mãe de Deus (*theotokos*), do Concílio de Éfeso (431); no Concílio de Trento (1555) foi declarada sua virgindade perpétua; o da Imaculada Conceição em 1854 e o último proclamado por Pio XII, em 1950, que afirma a sua elevação aos céus de corpo e alma – mostrando, dessa maneira, a sua importância (KARNAL; FERNANDES, 2017, p. 84). Aos dogmas juntam-se os vários títulos que são dados pelos fiéis ou pela Igreja, bastante conhecidos na América portuguesa em razão da forte devoção mariana em Portugal.

O culto mariano se expandiu ao longo dos anos no Brasil, levando-a a ser proclamada padroeira do país em 1930, sob o título de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Esse processo iniciou em 1717, quando uma imagem negra da Imaculada Conceição foi encontrada por três pescadores no rio Paraíba do Sul. Para Leandro Karnal e Luiz Estevam Fernandes, nesse período, a colônia vivia a febre do ouro, e Portugal enviava autoridades para canalizar as riquezas. Dom Pedro de Almeida veio, de Portugal, substituir Dom Braz Balthasar da Silveira no governo da então unida Capitania de São Paulo e Minas. Para alimentar a comitiva de D. Balthasar, os pescadores Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso buscavam peixes no Paraíba do Sul. Após os pescadores esperarem por bastante tempo sem nada

encontrarem, surge nas redes uma imagem escura de Nossa Senhora da Conceição sem cabeça; a parte faltante da imagem apareceu junto às redes após jogarem-na novamente.

A aparição da imagem precedeu uma pesca abundante. Atanásio, filho de Felipe Pedroso, levou a imagem para um pequeno oratório, onde se passou a relatar operação de milagres. O lugar se transformou numa capela e com o aumento no número de fiéis que recorriam à santa em busca de graças, o espaço se tornou pequeno (KARNAL; FERNANDES, 2017, p. 88 – 89). Em 1930 Pio XI declarou Nossa Senhora da Conceição Aparecida padroeira do Brasil. O caso é bastante relevante para ilustrar a devoção mariana no período colonial, além do poder de Maria como taumaturga e, principalmente, a constituição de uma nova devoção no período republicano do país.

Nossa Senhora e o Morro

Sobre a devoção mariana no Recife, Flávio José Gomes Cabral afirma que no século XVIII “de todas as festas religiosas, o pernambucano nutria muito carinho pela de Nossa Senhora da Conceição [...]” (CABRAL, 2011, p. 46). Os fiéis que quisessem prestar o seu culto não tinham dificuldades de encontrar uma igreja a ela dedicada. Ainda segundo o autor, “além dos templos erguidos em sua homenagem, rara era a igreja que não tinha uma imagem da santa.” (Idem). Isso também era comum nos séculos XIX e XX, não apenas na capital, mas em todo o território da Diocese de Olinda. No início do século XX, as comemorações pelo quinquagésimo aniversário da Bula *Ineffabilis Deus* começaram no mês de janeiro de 1904, com grande expectativa dos fiéis e religiosos. O periódico *A Província* noticiou que no Recife:

Começou hontem na matriz da Boa Vista, desta cidade, o piedoso exercicio que, por decreto pontificio, mandado aqui executar pelo exm. sr. Bispo, em sua ultima carta pastoral deverá ter lugar no dia 8 de cada mez, como preparação para se comemorar solememente o 50.º anniversario da proclamação do Dogma da Immaculada Conceição, que se completará no dia 8 de dezembro do corrente anno. (A PROVINCIA, 1904a, p. 1)

De Roma, em 2 de fevereiro de 1904, o Papa Pio X convidou toda a Igreja através da *Ad Diem Illum Laetissimum* a participar das comemorações. Na capital pernambucana, além das manifestações religiosas como recitação do terço ou de missas, houve o plano de se fazer uma homenagem de maiores proporções, de forte poder simbólico e que pudesse ser, por muito, perpetuada: a construção de uma nova devoção. A ideia de inventar uma devoção de grandes proporções, com festividades e lugar dedicado às atividades voltadas a Nossa Senhora da

Conceição na Diocese de Olinda, partiu do bispo Dom Luiz Raymundo da Silva Britto, que incumbiu a Sociedade São Vicente de Paulo a cuidar dos preparativos.

Falamos numa nova devoção porque “as culturas podem inventar arbitrariamente seus próprios ídolos, mas devem [...] utilizar um código supracultural que implica num ritual de relações de ortopráticas da comunidade.” (GASBARRO *apud* MOURA, 2015, p. 227). Segundo o historiador italiano Nicola Gasbarro, ortopráticas são invenções, reinvenções e ressignificações de práticas religiosas. Além disso, elas não se restringem apenas ao campo religioso, mas também influenciam o cotidiano (Cf. MOURA, 2018).

Nessa perspectiva, as práticas religiosas não partem nem se organizam apenas em torno das ortodoxias, mas das relações sociais, culturais, políticas e econômicas, o que possibilita a existência de vários catolicismos sem que haja um puro ou outro “desconstruído”, uma vez que todos possuem a sua particularidade cultural. Sendo assim, os eventos analisados neste artigo buscaram atender às necessidades locais, mesmo que a sua invenção estivesse ligada à questões transnacionais.

A entronização de uma imagem em um templo ou em um oratório, na maioria das vezes, não cria uma forma particular de culto, ao contrário, perpetua e propaga o culto já existente a determinado santo. Qual seria então o sentido de afirmar que no Morro foi instituída uma nova devoção, uma vez que o evento fazia parte das comemorações que partiam da Santa Sé? É necessário pensarmos em três fatores: a figura de Maria, a devoção pré-existente e o modelo escolhido para a festa daquele 08 de dezembro de 1904.

Dessa maneira, enquanto na Diocese se realizavam pequenos atos, todos os dias 08, em preparação para o mês de dezembro, pensava-se qual seria o modelo da comemoração jubilar, quando se propôs a criação de um monumento. Em 02 de fevereiro de 1904, o periódico *A Provincia* relatou a ideia do bispo em erguer a estátua no alto de um morro. Segundo o jornal:

Houve a idéa, aventada pelo exm. bispo sr. d. Luiz, de ser erigida em uma das collinas mais proximas e visíveis da cidade do Recife, uma grande estatua da Santissima Virgem, com a invocação de Maria Immaculada, sobre elevado pedestal, *que a coloque em altura de dominar bem a cidade*, de forma a ser vista de muitas partes. (A PROVINCIA, 1904b, p. 1. Grifo nosso)

Nessa perspectiva, a ideia não era apenas levantar um monumento à santa, mas também colocá-lo de modo a ser visto por toda a cidade. Um monumento tem por características o poder de perpetuação e o de reenviar testemunhos que só para uma parcela mínima são escritos (LE

GOFF, 2013, p. 486). No contexto político vivenciado pela Igreja naquele momento, uma imagem desse tipo adquire um significado simbólico ainda maior.

O fim do século XIX e o início do XX foi um período de transformações para a Igreja Católica no Brasil. Em razão do regime de padroado, que vigorava desde os tempos coloniais, até o início da República, as relações entre Igreja e a Cúria Romana eram quase nulas (CASALI, 1995, p. 59). Alípio Casali também ressalta que após o Brasil se tornar independente, duas correntes defendiam a necessidade de uma reforma da Igreja no Brasil: a primeira optava pela criação de uma igreja nacional, dirigida por um Concílio Nacional e com a abolição do celibato; a segunda era favorável a recentralização em torno de Roma e do Papa (CASALI, 1995, p. 60). Nesta disputa de ideias, prevaleceu a perspectiva ultramontana, pensada e difundida pela Santa Sé desde meados do século XIX. Juntamente a isso, a Igreja Católica no Brasil ainda vivenciava a perda de poder político que lhe fora retirado com a ascensão da República, por meio do *Decreto 119-A*, despachado pelo Governo Provisório em 7 de janeiro de 1890. O documento encerrava a união legislativa entre o Estado e a Igreja e colocava a Igreja Católica em pé de igualdade com as demais religiões (BRASIL, 1890).

Para setores do clero, essa situação foi recebida com otimismo por ter imposto o fim ao comando estatal sobre a Igreja, oferecendo liberdade ao clero. Outros religiosos apresentaram receio por acreditarem que o anticlericalismo e o laicismo⁹ poderiam se desenvolver no país. Entendemos por laicismo um processo que tem como objetivo o fim das práticas religiosas e o silenciamento das atividades dos membros das igrejas (MOURA, 2018, p. 58). É importante enfatizar que o processo de secularização dos Estados não se limitava ao território brasileiro, mas foi instituído em vários outros países, como Portugal, França e Espanha (Cf. CATROGA, 2006).

Nesse contexto, o papa Pio X destacou na *Ad Diem Illum Laetissimum* que “Em meio a este dilúvio do mal, a Virgem Clemente sobe diante de nossos olhos como um arco-íris” (1904). Como responsável pela comissão dos preparativos do Jubileu, na comissão:

Assumi a presidencia o dr. Manoel Gomes de Mattos, que convidou o sr. Pierre Collier a servir de secretario *ad hoc*. A comissão promotora nomeou mais as seguintes comissões: *Para pedir auxilio da imprensa no intuito de fazer conhecer e popularizar a idéa do monumento á Immaculada Conceição* – dr. Arnaldo Bastos, Mario de Mattos, dr. Joaquim da Silva Cabral. *Para escolher um local conveniente, o mais em vista possível das diferentes partes da cidade do Recife, e determinar a forma do monumento* – dr. Carlos Alberto de Menezes, coronel José Firmino Alvares Quental, dr. Alfredo Silva, Pierre Collier, desembargador Pires Gonçalves e Luiz Correia de Britto. *Para pedir*

auxilio dos sodalicios e religiosos e particularmente das Pias Uniões das Filhas de Maria – dr. Trajano Temporal de Mendonça, Arthur Ramos e Silva e Pedro Netto. Ficou o dr. Manoel de Mattos encarregado de receber os donativos até nomear-se um thesoureiro definitivo [...]. (A PROVINCIA, 1904b, p. 1. Grifo do autor)

Nota-se que, a referida comissão foi composta por um grupo de “notáveis” e intelectuais católicos¹⁰ fundamentais para a legitimação das atividades da Cúria romana na cidade do Recife. Os membros da comissão decidiram erguer, em um morro, uma estátua de Nossa Senhora da Conceição, de modo que permitisse que ela fosse vista de toda a cidade, tal como um arco-íris, e que vigiasse do alto do monte os recifenses.

A partir desta proposta, deve-se enfatizar o poder dos membros da Igreja Católica ao construir um símbolo religioso, em destaque na cidade, com características devocionais no momento de laicização do Estado. Sendo assim, deve-se compreender o processo de separação entre o Estado e a Igreja como um instante de negociações e concessões dos republicanos com as atividades do clero. Uma vez que, mesmo não se constituindo como religião oficial desde a Proclamação da República, ainda mantinha um intenso poder entre as camadas populares, os intelectuais e as famílias tradicionais.

Embora se constituindo como uma iniciativa privada, os organizadores das atividades não destacaram o apoio do poder público para as suas atividades. No *Jornal do Recife* foi ressaltado que:

A comissão central das festas do jubileo da proclamação do dogma da Conceição de Maria pede-nos a publicação do seguinte: <<O monumento á erigir-se em honra a Virgem Maria, á 8 de dezembro vindo, de custo e proporções muito modestas, porque o Estado de Pernambuco não está actualmente em condições de emprehender cousa maior, representa uma manifestação de piedade filial dos catholicos para com Maria Immaculada. Sobre um sóco de alvenaria e cantaria de granito se eleva uma bela imagem da Virgem de 3 e meio metros de altura, de ferro burilado feita na casa Raffil que é uma das mais importantes de Pariz, na especialidade. Abriga a imagem uma pequena capella de ferro fundido. O sóco tem 3 metros de altura sobre 4 de largura; haverá acesso para o pequeno recinto fechado por uma grade de ferro por pequena escada de ferro, colocada e oculta no fundo. Em tal recinto há espaço, porém, para a colocação de um altar, onde se possa celebrar o sacrificio da missa. Ainda não está fixado definitivamente o local em que será erigido o monumento. Este deverá ser uma das emminencias nos arredores do Recife, *de fôrma a ficar a imagem da Virgem dominando a cidade*. (JORNAL DO RECIFE, 1904, p. 1. Grifo nosso)

Em junho de 1904, a Comissão Central da Festa já havia definido as proporções do monumento, que eram singelas apenas nas suas palavras, pois a altura da imagem e de sua base mediam juntas 6,5 metros e o monumento teria o total de 13,5 metros. No entanto, mesmo com o projeto pronto, os líderes da Igreja Católica, na capital pernambucana, ainda não tinham escolhido um local para a sua instalação (JORNAL DO RECIFE, 1904, p.1). Além do objetivo de marcar a paisagem da cidade, no processo de instalação do símbolo católico há um caráter catequético, pois os monumentos religiosos, além de serem objeto de culto e a eles atribuídas a realização de milagres, também são utilizadas para disseminar conhecimento eclesiástico (BURKE, 2017, p. 79).

O cartão postal da imagem de Nossa Senhora da Conceição no alto do morro é ilustrativo para compreendermos a grandiosidade da construção. A utilização deste tipo de documento para os fiéis, mas especialmente, para parte da população do Recife, contribuiu para a construção de uma identidade do povo com o novo monumento da cidade. A constituição da visão da santa não estava resumida à localidade da sua construção, mas poderia “acompanhar” o devoto por várias localidades, mesmo distante do seu espaço físico.

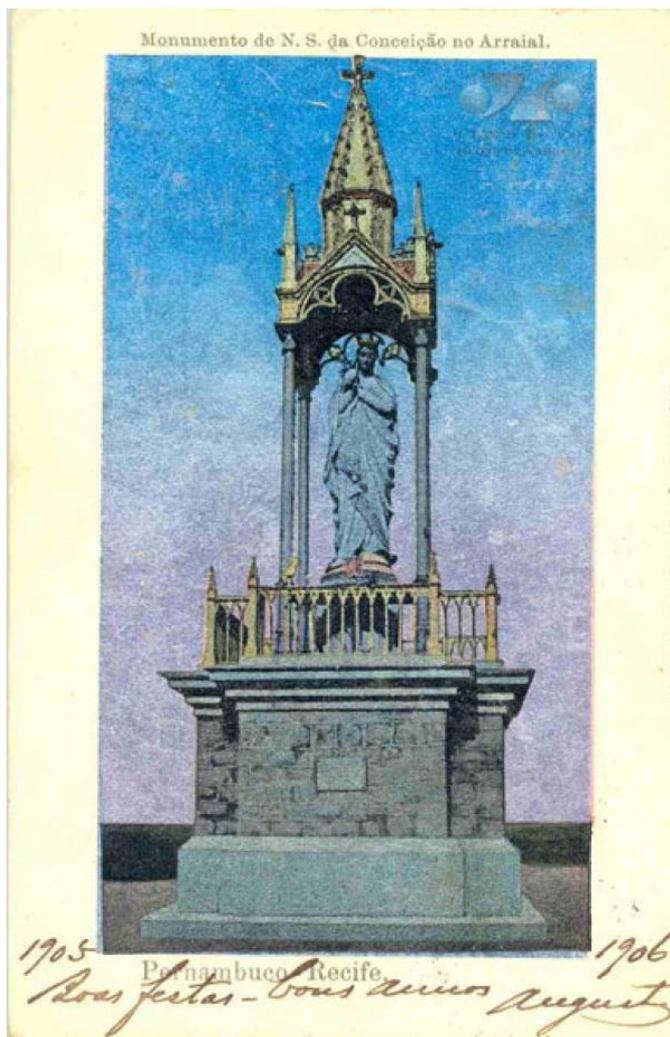


Figura 1 – Cartão postal do Recife no fim do ano de 1905 com a imagem do monumento de Nossa Senhora da Conceição no Morro do Arraial (PE).

Fonte: Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco, arquivo Josebias Bandeira. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/425-monumento-de-nossa-senhora-da-conceicao-no-arraial>. Acesso em: 21 mai. 19.

O Morro da Conceição

O local escolhido pela Comissão para colocação da imagem da santa foi o Morro da Boa Vista, no território da paróquia do Poço da Panela. O terreno que estavam preparando foi doado para os festejos por uma família de posses da região. Após definirem o local da cidade em que o monumento ficaria, iniciaram-se, na comunidade, no mês de outubro, exercícios religiosos com o intuito de familiarizar a população da região sobre a grande festa religiosa que seria criada a partir de dezembro daquele ano. Dois eclesiásticos capuchinhos foram os encarregados de realizar missões no Arraial¹¹, os freis Angelico e Gaudioso. Dentro da programação havia missas diárias e cânticos à noite, durante o dia, os frades ficavam à

disposição da comunidade para aqueles que desejassem realizar qualquer ato religioso, fosse pedir o batismo, confessar e pedir a absolvição de seus pecados (A PROVINCIA, 1904c, p. 1).

As “Santas Missões” foram iniciadas em 23 de outubro por Dom Luiz Britto e no dia 26 foi colocada a primeira pedra do “[...] *Grande Monumento* que vai ser erigido no alto do morro da Conceição.” (A PROVINCIA, 1904c, p.1. Grifo do autor). É importante destacar que antes do assentamento da pedra fundamental, o local passou a ser chamado também de Morro da Conceição e não apenas como Morro da Boa Vista ou do Arrayal. Segundo os periódicos da época, o assentamento da pedra fundamental foi feito com grande pompa e solenidade. Às 16h:20 min partiu um trem da Praça da República, na área central do Recife, para o Arrayal, levando várias pessoas para participarem do ato. A banda do Colégio Salesiano também foi integrada à festividade (JORNAL DO RECIFE, 1904b, p.1). Todos se prepararam no pátio localizado na base do morro e de lá “A pedra foi conduzida em um bonito andor carregado por senhoras trajando branco, movendo-se o prestito na melhor ordem.” (JORNAL DO RECIFE, 1904b, p.1).

No alto do morro houve apresentação da banda que acompanhava a solenidade, o bispo diocesano assinou o termo de assentamento da pedra, colocou-o numa caixa de mármore e a fechou com cimento (JORNAL DO RECIFE, 1904b, p.1). Percebemos, dessa maneira, que os envolvidos nos preparativos da festa do dia 08 de dezembro já sabiam que não seria um simples e singelo monumento com pequenas proporções, como fora dito pela comissão central da festa. Depois daquela cerimônia, o Morro deixou de ser do Arrayal ou da Boa Vista e passou a ser chamado da Conceição. Os religiosos fizeram com que a representação da santa passasse a dominar o local, não só no sentido visual e simbólico, mas também no nome do espaço que ocupa.

Devemos destacar que, com as atividades religiosas na localidade, o “antigo” Arrayal passou a se constituir como um espaço sagrado, responsável por atividades religiosas fundamentais para as devoções na localidade. O que era caracterizado apenas como mais um morro da cidade, recebeu novos significados eclesiais que foram legitimados por diversos devotos de Nossa Senhora da Conceição.

Sobre as missões, o vigário do Poço da Panela Maximino Cottard, padre da congregação do Sagrado Coração de Jesus, relatou que, desde o início das atividades, a quantidade e participação de fiéis ultrapassaram o que fora previsto pela organização da festa. O sacerdote também falou que “[...] se há de erguer monumento penhor da nossa fé que irá perpetuar, á semelhança do que se vê dos tempos da Grécia antiga [...]” (COTTARD, 1904, p.1). Fica evidente a intenção do clero em fazer da empreitada algo memorável e que seja reconhecido

por todos. Percebe-se, devido à participação de fiéis nas missões e suas atividades, que o Arrayal se tornava, aos poucos, local de peregrinação, antes mesmo da inauguração do monumento. Já o padre Velloso, também refletindo sobre as comemorações do cinquentenário do dogma, relatou que vários países, como a França, Portugal e Itália, estavam participando dos festejos planejados pela Santa Sé. O religioso ainda afirmou que:

Pernambuco não ficou no esquecimento, e apesar dos máos dias que vae atravessando com grande sacrificio seus filhos, ergue numa das suas colinas que formam essa cadeia semi-circular envolvendo a vasta planície em que assenta sua formosa cidade o monumento da Immaculada, o qual ficará attestado ás gerações vindouras o seu amor entranhado pelas glórias da Virgem. (VELLOSO, 1904, p.1.)

Talvez o desejo não fosse somente falar às futuras gerações por meio da imagem, mas também passar uma mensagem para a sociedade contemporânea, afinal, a manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política, social e de redefinição das identidades coletivas (CARVALHO, 2017, p. 11). Ademais, toda religião, segundo Pettazzone, “seria um produto histórico culturalmente condicionado pelo contexto e capaz de condicionar o próprio contexto” (PETTAZZONE apud SILVA, 2011, p. 16). Ou seja, não apenas o evento religioso da comemoração influenciou e condicionou a Igreja de Olinda, mas também o político e, além disso, a instituição eclesiástica, por sua vez, buscou influenciar e condicionar a sociedade em que operava, desenvolvia as suas ações e onde circulam os seus fiéis.

O *Jornal Pequeno*, de 21 de outubro, trouxe a informação de que as obras da estrada que daria acesso ao Morro estavam bem adiantadas (1904a, p.1). Com o assentamento da pedra fundamental e as “Santas Missões”, que eram realizadas no Arrayal, o número de fiéis começou a crescer. As missões foram encerradas no dia 05 de novembro de 1904, quase um mês antes da inauguração. Os números apresentados após o término foram expressivos: realizaram 400 casamentos, 50 batismos e os padres atendiam das 4:00 horas às 23:00 horas (JORNAL DO RECIFE, 1904c, p. 1).

Os índices de batismos apresentados pelo *Jornal do Recife* divergem dos que constam no Livro de Batismo da Freguesia do Poço da Panela. Segundo os registros, foram realizados, nas Santas Missões do Arrayal, um total de 120 batizados (LIVRO DE BATISADOS, nº 13, do ano de 1899 – 1905, fl. 137 f.). Os apontamentos da paróquia mostram um número expressivo do principal rito de passagem do catolicismo, o que demonstra que a localidade já era utilizada pela população como um espaço sagrado para as atividades religiosas. Além das ações que

constituíam os ritos de passagem, havia a celebração diária de missas no Arrayal. O número que mais chama atenção é o de pessoas crismadas pelo bispo durante o sábado e o domingo, dias 4 e 5 de novembro: 974 jovens e adultos (JORNAL DO RECIFE, 1904c, p. 1). Depois da crisma, houve benção de objetos de devoção, como bandeiras com os dizeres “Viva Nossa Senhora da Conceição!” e “Homenagem a Nossa Senhora da Conceição”; as missões foram oficialmente encerradas à noite, quando o bispo deu uma benção (JORNAL DO RECIFE, 1904c, p.1).

Antes mesmo que a imagem fosse inaugurada, o projeto empreendido pelos eclesiásticos, intelectuais católicos e pela devoção da população já transformou o local em um centro de peregrinação. Nesse momento específico, os ritos de passagem do catolicismo na Diocese de Olinda não eram realizados em qualquer local, sendo necessária, algumas vezes, a autorização para celebração de sacramentos até mesmo em capelas privadas. Mesmo assim, vários sacramentos foram efetivados no Arrayal. Ainda que as atividades tenham sido realizadas num contexto de “Santas Missões”, o clero preparava terreno e, dessa maneira, já começava a desenvolver o espaço para um importante projeto diocesano.

No início do século XX a Igreja buscava se readaptar a sociedade, com novas maneiras para manutenção e demonstração de poder. Era necessário, naquele momento, congregar os fiéis e converter aqueles que ainda não eram católicos, uma vez que a Igreja romana não tinha mais o *status* de religião oficial do Estado e agora tinha que lidar com a concorrência pelas almas. O trabalho dos clérigos, associado à devoção da população, foi fundamental para o sucesso desse projeto no Arrayal.

Com as obras avançadas e com grande expectativa para o dia em que o dogma da imaculada completaria 50 anos, Dom Luiz Britto publicou uma carta pastoral em 13 de novembro. Esse tipo de documentação era importante veículo de comunicação entre um bispo, o seu clero e os fiéis, uma vez que após a divulgação era publicada em periódicos e lida nas celebrações das paróquias, o que possibilitava que mesmo a parte iletrada dos fiéis tivesse acesso a seu conteúdo.

No início do documento, o prelado destacou a alegria de comemorar o que Roma proclamou em 08 de dezembro de 1854, além de relembrar os atributos de Maria. O bispo também defendeu que outras religiões reconheceram a importância da figura de Maria, exceto algumas as quais chama de seitas. Para o religioso:

Sim! Os patriarchas suspiram pelo apparecimento dessa vara de Jessé, o paganismo, embora submerso nos seus erros, esperou a vinda dessa Virgem inexplicavel; o mahometismo materializado não apagou os

traços dessa Estrella peregrina que anunciou a aurora da redempção; o positivismo inebriado nos valores de sua doutrina, deturpou, mas não apagou a ideia anunciada, pelo anjo; só as seitas novas, cujas corações paralisaram-se com o gelo da sua descrença poderão esterilizar-se e não oferecer uma flor ao menos, embora fanada, para juncar o solo á passagem triunfante da Rainha dos Céos!... (BRITTO, 1904, p. 2)

A Igreja no século XIX teceu duras críticas ao positivismo e ao materialismo. No entanto, o bispo preferiu dirigir sua análise ao protestantismo, que não via Maria com a mesma importância que lhe é atribuída pelo catolicismo era seu principal concorrente no “mercado das almas”. Isso, em um momento delicado em que a Igreja necessitava de um número expressivo de fiéis, não só para executar seus projetos, mas também para se estruturar financeiramente, pois tentava viabilizar-se como empreendimento religioso e organização burocrática (MICELI, 2009, p. 161).

No ambiente de disputa que foi potencializado com a publicação do *Decreto 119-A*, que além de retirar do catolicismo o status de religião oficial, deu a outras religiões¹² os mesmos direitos e permissões. Sendo assim, era importante para os líderes católicos desqualificar outras práticas eclesásticas, apontando como seitas por não crerem em Maria. O discurso do prelado buscava demonstrar o catolicismo como a religião, apontando as outras como inferiores. O motivo dessa inferioridade foi caracterizado pela descrença dos protestantes nos dogmas atribuídos pela Igreja à Maria. Sendo assim, o bispo de Olinda atacou diretamente os evangélicos, aos quais sequer nomeia, contrapondo a eles o paganismo e o “mahometismo” para mostrar que dentre as outras crenças, as piores eram aquelas que não acreditavam em Maria (BRITTO, 1904, p. 2).

Ainda em sua Pastoral, Dom Luiz Britto aproveitou a oportunidade e agradeceu aos doadores do torrão, destacando que “os proprietários do terreno, generosos cederão-n’o, e será sobre o dom gratuito desses filhos que a Immaculada Virgem receberá nosso tributo e amor filial” (Idem). Por fim, o eclesiástico convidou os fiéis, o clero, as confrarias e as ordens religiosas a participarem todos ou ao menos se fazerem representar na vigília que se iniciaria na noite do dia 07 até a manhã do dia 08, quando aconteceria a benção e dedicação da imagem, missas, a Benção Papal e a concessão de Indulgência Plenária¹³ aos fiéis que tivessem comungado e se confessado.

Em 08 de dezembro, a imagem da santa seguiu para o Arrayal em um trem, acompanhada pelo bispo e os padres que tinham participado dos exercícios religiosos. O monumento em ferro custou 5.000 francos, o nicho no qual ela foi colocada, 15.500 francos, as pedras de cantaria, trazidas do Rio de Janeiro, custaram 6:000\$000 (JORNAL PEQUENO,

1904a, p.2). O *Jornal Pequeno* em 25 de novembro daquele ano dizia que “Nota se grande e crescente dedicação do povo e é de esperar que a inauguração do monumento [...] seja um facto excepcionalmente grande, e que ficará para sempre na memoria da nossa população.” (JORNAL PEQUENO, 1904b, p. 2). Também era esperado um aumento da demanda para os trens que passavam pelo Arrayal pelas companhias *Great Western* e Caxangá, empresas de transporte ferroviário, havendo inclusive preocupação para que não houvesse incidentes no dia 08 de dezembro (JORNAL PEQUENO, 1904b, p. 2).

Segundo Antônio Paulo Rezende, quem no Recife quisesse ir até mais longe, como era o caso do Arrayal, valia-se de trem, uma vez que se caracterizava como o principal meio de transporte do período (REZENDE, 2016, p. 80). Para a condução, as companhias *Great Western* e Caxangá enviaram trens extras para o Arrayal durante todo o dia. Conforme o programado e com grande esforço não só da Diocese, mas também dos fiéis e da força de segurança – o policiamento foi feito por 80 praças de infantaria e 20 de cavalaria (A PROVÍNCIA, 1904f, p.1) – o festejo aconteceu. Dessa forma, iniciaram, naquele dia 08 de dezembro, uma devoção e festividade religiosa que não só dura até hoje, mas é a maior do Estado de Pernambuco.

O empreendimento do clero da Diocese de Olinda, juntamente a setores do laicato, obteve destaque de outras ações realizadas para o jubileu de ouro do dogma da Conceição. A questão não se dá por conta da construção de um monumento, pois outros foram erguidos em várias cidades, como Itambé, localizada na divisa de Pernambuco o Estado da Paraíba. Nas igrejas da diocese, mesmo naquelas que colocaram alguma imagem nova, eram celebradas missas, tríduos, novenas para a Senhora da Conceição, nada que fugisse do ordinário ou que tivesse o objetivo de se perpetuar. No Recife, instalou-se um monumento que poderia ser visto desde a região portuária até as partes mais afastadas da cidade. Como pretendido pela Comissão Central da Festa, a santa conseguia dominar toda a cidade como forma de imposição do catolicismo. Neste sentido, deve-se destacar o poder deste grupo religioso na formação eclesiástica dos pernambucanos.

A imagem de ferro de uma mulher coroadada, de mãos unidas como em oração, pisando a cabeça de uma serpente sobre um globo terrestre, tal como aquela que é falada no Apocalipse de João, passou a reinar sobre o Morro da Conceição. A estátua constitui-se como a representação do poder do catolicismo, mesmo em um período de laicização, com a diminuição das inserções do clero nas decisões políticas, configurando-se como um presente em um ausente (CHARTIER, 1988, p. 21). Embora haja uma forte distinção entre a pessoa da mãe de Jesus e sua imagem sobre o Morro, sua representação “[...] é um instrumento de conhecimento mediato

que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma <<imagem>> capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é.” (CHARTIER, 1988, p. 20).

A partir desta perspectiva, Roger Chartier também ressalta a importância das representações e das lutas entre elas para compreender os mecanismos utilizados por um grupo para impor ou tentar impor a sua concepção de mundo, seus valores e seu domínio (CHARTIER, 1988, p. 17). A ideia de dominação ficava clara nos discursos dos responsáveis pela empreitada do morro, eclesiásticos, leigos, devotos e intelectuais católicos. Além disso, “A religião é um dispositivo de representação cultural de grande força e eficácia, uma dimensão das representações culturais do mundo” e “a identidade religiosa estabelece parâmetros culturais que influenciam as práticas cotidianas, os lugares, relações, posições hierárquicas, atitudes e representações” (SILVA, 2011, p. 21). A religião gera e influencia representações e essas, por sua vez, geram práticas sociais como as novas devoções e as manifestações culturais.

Considerações finais

A peculiaridade da devoção a Nossa Senhora da Conceição no Morro vai da sua idealização até a finalidade. Antes mesmo da escolha do local, vários clérigos e fiéis contribuíam financeiramente para que a ideia fosse materializada. Após a escolha e divulgação do Morro da Boa Vista como lugar da grande imagem, iniciaram as peregrinações que aumentaram com a implementação da pedra fundamental, a benção e a inauguração do espaço. Mesmo o Arrayal sendo distante do centro da cidade, as pessoas ainda assim não deixavam de ir ao Morro, tamanha a força da representação de Maria naquela imagem. Com o anúncio da escolha do local, a região foi rebatizada e não era mais chamada de Morro da Boa Vista ou do Arrayal, mas passou a ser conhecida como o Morro da Conceição.

A finalidade deste processo não é apenas a religiosa, mas também política e social, que se mantém em pleno diálogo com as questões eclesiais. É o conteúdo e o fim latente das celebrações que as fazem se distanciar do lugar comum. O número expressivo de pessoas crismadas não deve ser enxergado apenas como um quantitativo: no sacramento da Crisma, a pessoa já respondendo por si, confirma sua fé perante o bispo que representa a Igreja. Num momento em que outras religiões, principalmente as criticadas por Dom Luiz Britto em sua Pastoral, começavam a ter mais liberdade de expansão e de conversão de fiéis, a Diocese afirmou que conseguiu crismar quase mil pessoas. Tais informações são utilizadas para a demarcação do território e a imposição de um discurso eclesial.

É possível perceber que um dos principais objetivos naquele momento era demonstrar, que embora o Estado fosse laico, religiões protestantes e o espiritismo conseguissem converter

fiéis, a cidade e seu povo ainda mantinham as tradições católicas. A Igreja buscou demonstrar o seu poder e, o mais importante, organizar os seus fiéis para o projeto de recatolização e de formação de uma neocrisandade, mostrando-lhes a necessidade de “restaurar todas as cousas Cristo”, como afirmou o papa Pio X, na *Ad Diem Illum Laetissimum*, que o caminho mais fácil para esse fim era através de Maria, enfatizando que Cristo era a fonte e Maria o aqueduto (PIO X, 1904).

Fontes

113ª Festa do Morro arrasta milhares de fiéis na Zona Norte do Recife. *Jornal do Commercio*, Recife, 08 dez. 2017a. Disponível em <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/12/08/113-festa-do-morro-arrasta-milhares-de-fieis-na-zona-norte-do-recife-319221.php>. Acesso em: 11 jun. 2018.

AGÊNCIA Jornalística – Recife. *Monumento de Nossa Senhora da Conceição no Arraial*. 1905, cartão postal, color., 13,9 x 8,9 cm. Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco, Arquivo Josebias Bandeira. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/425-monumento-de-nossa-senhora-da-conceicao-no-arraial>. Acesso em: 21 mai. 19.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Decreto 119-A*. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm. Acesso em: 02 jan. 2018.

BRITTO, Luiz Raymundo da Silva. Pastoral, *A Província*, Recife, 26 nov. 1904e. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=16240&Pesq=immaculada. Acesso em: 17 dez. 18.

FESTA de Nossa Senhora do Carmo atrai milhares de católicos para missas e procissão no Recife. *Diario de Pernambuco*, Recife, 16 jul. 2017b. Disponível em http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/07/16/interna_vidaurbana,713437/festa-de-nossa-senhora-do-carmo-atrai-milhares-de-catolicos-para-missa.shtml. Acesso em: 11 jun. 2018.

OBRA de restauro da Igreja Conceição dos Militares divulgada em fotos. *Jornal do Commercio*, Recife, 13 dez. 2017b. Disponível em

<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/12/13/obra-de-restauro-da-igreja-conceicao-dos-militares-divulgada-em-fotos-319804.php>. Acesso em: 07 mai. 2019.

PAPA PIO IX. *Ineffabilis Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PAPA PIO IX. *Contituzione Dogmatica Pastor Aeternus*. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700718_pastor-aeternus_it.html#. Acesso em: 01 mar. 2019.

PAPA PIO X. *Ad Diem Illum Laetissimum*. Disponível em http://w2.vatican.va/content/pius-x/it/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_02021904_ad-diem-illum-laetissimum.html. Acesso em: 24 abr. 2018.

PAPA PIO XII. *Le Pèlerinage de Lourdes*. Disponível em http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_02071957_le-pelerinage-de-lourdes.html. Acesso em: 25 set. 2018.

PROCISSÃO de Nossa Senhora da Conceição leva multidão ao Morro. *Diario de Pernambuco*, Recife, 08 dez. 2017a. Disponível em http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/12/08/interna_vidaurbana,733955/procissao-de-nossa-senhora-da-conceicao-leva-multidao-ao-morro.shtml. Acesso em: 11 jun. 2018.

MONUMENTO á Immaculada Conceição. *A Província*, Recife, 2 fev. 1904b. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=14494&Pesq=immaculada. Acesso em: 28 set. 2018.

MONUMENTO á Immaculada Conceição, *A Província*, Recife, 8 dez. 1904f. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=16240&Pesq=immaculada. Acesso em: 17 dez. 2018.

A *PROVINCIA*, Recife, 9 jan. 1904a. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=14895&Pesq=immaculada. Acesso em: 29 set. 2018.

IMMACULADA Conceição. *Jornal do Recife*, Recife, 29 jun. 1904a. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110>. Acesso em: 12 out. 18.

JORNAL Pequeno, Recife, 21 out. 1904a. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&PagFis=7492&Pesq=immaculada>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MONUMENTO A MARIA IMACULADA. *A Província*, Recife, 25 out. 1904c. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=16183&Pesq=immaculada. Acesso em: 13 out. 2018.

COTTARD, Maximino. *A Província*, Recife, 26 out. 1904d. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=16103&Pesq=immaculada. Acesso em: 13 out. 2018.

IMMACULADA Conceição. *Jornal do Recife*, Recife, 28 out. 1904b. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&PagFis=47458&Pesq=immaculada>. Acesso em: 30 set. 2018.

IMMACULADA Conceição. *Jornal do Recife*, Recife, 8 nov. 1904c. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&PagFis=47426&Pesq=immaculada>. Acesso em: 18 dez. 2018.

VELLOSO. *A Província*, Recife, 13 nov. 1904. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=16103&Pesq=immaculada. Acesso em: 13 out. 2018.

JORNAL Pequeno, Recife, 6 dez. 1904b. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&PagFis=7609&Pesq=immaculada>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Referências

BENATTE, Antonio Paulo. A História Cultural das Religiões: Contribuição a um Debate Historiográfico. In: ALMEIDA, Neri de Barros. SILVA, Eliane Moura da. (org.). *Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CABRAL, Flávio José Gomes. Um só Rebanho e Um só Pastor: Sociabilidades e Cotidiano Religioso em Pernambuco Setecentista. In: MOURA, Carlos André Silva de. [et. al.] (Org.). *Religião, cultura e política no Brasil: perspectivas históricas*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CASALI, Alípio. *Elite intelectual e restauração da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CATROGA, Fernando. *Entre Deuses e Césares: secularização, laicidade e religião civil. Uma perspectiva histórica*. Coimbra: Almedina, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

KARNAL, Leandro. FERNANDES, Luiz Estevam O. *Santos fortes: Raízes do Sagrado no Brasil*. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOURA, Carlos André Silva de. As Religiões e o Ensino de História. In: BUENO, André. et al. (org.). *Aprendizagens Históricas: debates e opiniões*. União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018.

_____. *Histórias cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942)*. 2015. 443 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. *Histórias Cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910 – 1942)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2018.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. 2. ed. Recife: Ed. UFPE, 2016.

SILVA, Eliane Moura da. História das Religiões: algumas questões teóricas e metodológicas. In: MOURA, Carlos André Silva de. (et al.) (org.). *Religião, cultura e política no Brasil: perspectivas históricas*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2011.

_____. Introdução. In.: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). *Religião e Sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

STEIL, Carlos Alberto. As aparições marianas na história recente do catolicismo. In: STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; Reesink, Mísia Lins (org.). *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

1 A cidade do Recife possui dois padroeiros oficiais, Santo Antônio e Nossa Senhora do Carmo.

2 Reportagem do Jornal do Commercio do dia 8 de dezembro de 2017 diz que o público esperado para os 10 dias de festa no Morro era de 1,5 milhão de fiéis (Jornal do Commercio, 08 dez. 2017a.); O Diário de Pernambuco se limita a falar das milhares de pessoas que participaram da procissão no dia da santa, sem estimar número de participantes (Diário de Pernambuco, 08 dez. 2017). O Diário, ao falar da Festa de Nossa Senhora do Carmo, do mesmo ano, diz que 20 mil pessoas participaram dos festejos na véspera e no dia da santa e 5 mil participaram das missas todos os dias (Diário de Pernambuco, 16 jul. 2017). São nove dias de festa, somando os 20 mil aos 35 mil dos demais dias, chegamos a 55 mil fiéis, número que pouco se aproxima da estimativa de 1,5 milhão. (Jornal do Commercio, 2017a; Diário de Pernambuco, 2017a; Diário de Pernambuco, 2017b.)

3 A Diocese de Olinda tornou-se Arquidiocese no ano de 1915 e em 1918, pela Bula *Cum Urbs Recife*, foi transformada em Arquidiocese de Olinda e Recife.

4 Aqui e nas citações de nossas fontes optamos por manter o texto original, pois não há prejuízo à compreensão. Utilizamos neste texto tanto Morro da Boa Vista quanto do Arrayal, pois encontramos em nossas fontes essas duas maneiras de se referirem ao mesmo espaço.

5 A Diocese de Nazaré, com catedral no município de Nazaré da Mata, foi criada em 1918 junto com as dioceses de Garanhuns e Pesqueira pelo papa Bento XV (1854 – 1922).

6 Obra de restauro da Igreja Conceição dos Militares divulgada em fotos. (Jornal do Commercio, 13 dez. 2017b).

7 Durante o artigo utilizamos o conceito de invenção a partir das propostas da História Cultural, que analisa o objeto como uma construção histórica e representação de uma cultura. Para os estudos das religiões, o termo invenção também compreende questões ligadas à produção de uma devoção, que reflete as negociações dos seus devotos com os aspectos sociais, culturais e históricos. Cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988; CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008; CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 2012.

8 A versão da bula *Ineffabilis Deus* que utilizamos neste artigo foi publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 2016, mas o documento foi promulgado por Pio IX em 8 de dezembro de 1854.

9 É importante destacar que laicismo e laicidade, embora algumas vezes sejam tratados como sinônimos, são conceitos diferentes e geram práticas distintas. O primeiro prevê o fim das práticas religiosas e o silenciamento das atividades da Igreja. A laicidade, entretanto, não compreende uma extrema secularização, mas a perda de poder da Igreja. Para os conceitos de laicismo, laicidade e secularização Cf. MOURA, Carlos André Silva de. *Histórias cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942)*. 2015. 443 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

10 Para o conceito de intelectuais católicos, cf. MOURA, Carlos André Silva de. *Histórias Cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910 – 1942)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2018.

11 Quando falamos no Arrayal não estamos nos referindo ao Morro, mas à localidade.

12 Religiões afro-ameríndias e o espiritismo ainda eram tidos como seitas ou seus fiéis eram analisados como pessoas com distúrbios mentais. Mesmo trazendo consigo a ideia de progresso, a República brasileira trouxe para si, quando proclamada, preconceitos religiosos que estavam enraizados na sociedade e que, algumas vezes, partiam de instituições.

13 Na indulgência plenária, o fiel, se cumprindo os requisitos para recebê-la, tinha/tem todos os seus pecados perdoados pela Igreja.

Aprovado em 25 de outubro de 2019.